

A PRÁTICA NO ENSINO DE HISTÓRIA E AS NOVAS TECNOLOGIAS

Catarina Batista Oliveira Graduanda-UEPB (catarinabatistaoliveira@gmail.com)

Cleonice Oliveira de Araújo- Graduanda- UEPB (cleoaraujo.91@gmail.com)

Este artigo é fruto de uma experiência da monitoria relacionada ao componente curricular Prática pedagógica do curso de história, a qual está em andamento, na Universidade Estadual da Paraíba. Tendo em vista que a monitoria é uma atividade extracurricular que objetiva despertar o interesse pela docência e pela pesquisa, possibilitando a despertar pela experiência ali contida da vida acadêmica, por meio da participação em diversas funções relativas ao planejamento, organização e acompanhamento das atividades didáticas desenvolvidas em sala de aula. A partir de indagações e observações referentes ao planejamento da aula, e principalmente da prática referente ao ensino de história, entendemos, portanto, que nós profissionais de História devemos procurar articular à prática profissional às esferas de ensino e pesquisa para um melhor desempenho nossa profissão, sendo ela a de professor ou pesquisador de história. Neste artigo, irei esboçar a questão da teoria e da prática em sala de aula, como também a questão da utilização das mídias interativas no ambiente escolar.

O espaço sala de aula vai mais além das fronteiras do muro da escola e que não podemos nos resumir somente as questões teóricas e “criar”, podemos dizer, um campo imaginário, referente à prática em sala-de-aula, pois sabemos que a escola, é um “amontoado” de ideias e informações novas e constantes, trazidas pelos discentes.

Como afirma Kamii (1995)

Uma teoria não é boa como qualquer outra e os professores devem ser preparados para avaliar o rigor científico, o poder de explanação, o campo de ação de cada teoria em relação a duas questões fundamentais: Como o conhecimento é adquirido? E Como são apreendidos os valores morais? (KAMII, 1995, p.14)

A partir das observações realizadas da monitoria, podemos perceber como o Projeto de intervenção Pedagógica, passado pelo referido professor do componente

curricular de prática pedagógica, fez despertar o estar em sala de aula, qual didática utilizar, como expor o conteúdo de forma clara e precisa, como lidar com situações em sala de aula. A partir disso, vemos que a prática requer tempo para ser moldada a forma de cada sala de aula.

A teoria não pode sobreviver sem a prática e nem a prática sem a teoria, pois ambos devem andar de mãos dadas. Segundo Freire (1998), “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência na relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablá e a prática, ativismo” (p.24). Segundo Freire:

...na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. (FREIRE, 1998, p. 44)

A partir disso, podemos ver que, a prática é de fundamental importância para o desenvolvimento do profissional, tendo em vista, que a teoria aliada a uma reflexão crítica é de cunho importantíssimo para a evolução, podemos dizer da prática, ou seja, com o tempo é que formamos nosso modo de expor o conteúdo em sala, e como a auto crítica faz ascender uma didática interessante para com os discentes. Tendo em vista que as “micro aulas” (assim chamadas as apresentações dos seminários), que eram como aulas voltadas ao ensino fundamental II, com assuntos referentes à história, vimos a partir das mesmas como é lidar com o público, expondo os conteúdos de maneira clara e precisa, utilizando de artifícios para ter a atenção voltada ao conteúdo exposto. Esses meios utilizados pelos graduandos nas referidas “micro aulas” era a utilização de filmes, músicas, documentários, vivências do cotidiano, e etc..

Em uma dessas “micro aulas” em que foi abordado o tema Idade Média, na perspectiva do cinema, como este meio midiático expunha a idade média, e como pode-se orientar o discente a perceber que toda produção diz mais da época em que foi produzido do que o próprio período o qual se queira chegar. A partir dessa visão, podemos perceber que o cinema tem seus pros e contras, pois ele é um meio interessante para alcançar o aluno,

para que o mesmo venha a ter um interesse pela matéria, e pelo conteúdo exposto, instigando-o ao interesse, envolvendo o discente para se ter uma aula produtiva.

O interessante da utilização de filmes é mostrar aos alunos o que é histórico e o que não é. Essa prática de trazer coisas novas para a sala de aula e não só utilizar o livro didático é um meio de quebrar o que é considerado como uma aula chata e monótona. Sabemos que toda ação pedagógica necessita sobre que conhecimento a ensinar, de que maneira faz-lo e para quem. A partir disso, podemos então ter como ponto de partida para a discussão proposta, de que a concepção que era passado o conhecimento para o aluno e o docente não ter nenhum retorno está totalmente fora de cogitação. A utilização da internet, da revista, da tv, desmistificar o banal.

O problema é saber a serviço de quem eles (computadores) entram na escola. Será que vai se continuar dizendo aos educandos que Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil? Que a revolução de 64 salvou o país? Salvou de que, contra que, contra quem? Estas coisas é que acho que são fundamentais. (FREIRE, 1984a, p. 1)

Segundo Freire, não adianta ter os mais avançados aparatos tecnológicos, se o profissional continuar com as “velhas” concepções, que já não se encaixam com a nossa realidade, nem com o que já foi rompido da história positivista, a exaltação dos grandes heróis históricos, quando não sabemos que não é bem assim.

Embora isso, se a tecnologia usada de maneira correta, ela é muito útil e importante, pois o professor deve-se abrir as novas tecnologias, para alcançar o docente que tem fora do seu ambiente escolar, um mundo mais dinâmico, interativo e visual. Nesta perspectiva, as chamadas “micro aulas”, nos mostrou as novas possibilidades tecnológicas, como no caso, as mídias interativas no ensino de história medieval, tendo como objetivo motivar o aluno pela novidade e possibilidade de pesquisa que se tem.

Segundo Ferreira:

“Nesse sentido, a utilização do computador, aliado a metodologias de ensino nas quais o aluno passa a ter um papel distinto do tradicional “ouvinte atento”, mostra-se como um recurso didático para o fazer cotidiano da sala de aula. A participação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem é

potencializada, eles são estimulados a desenvolver atividades de pesquisa vinculadas ao ensino de História, e o papel do professor passa a ser o de orientador/mediador do processo de ensino aprendizagem, e não mais o proprietário do conhecimento.” (FERREIRA, p. 2004, p. 120)

A utilização da comunicação eletrônica e a informática dispõem várias fontes de pesquisa, sites, visitas a museus, e consultas de arquivos históricos e a troca de informações com outras pessoas, onde o aluno vai ter outras vias de conhecimento e não só a do professor, temos então um rompimento com a tradicional forma de ensinar, e com isso possibilita a transformação da disciplina história em matéria mais dinâmica e deixa de lado aquela chata repetição e memorização dos fatos. Mas para a utilização de tais meios tecnológicos, o professor em seus anos iniciais deve ter uma preparação teórica de como utilizar na prática tais equipamentos em favor da aprendizagem.

“O professor, ao escolher os recursos didáticos que serão utilizados, precisa levar em consideração critérios que permitam verificar o que se deseja obter, ou seja, qual a contribuição que eles poderão dar para que ocorra uma aprendizagem significativa.” (JUSTINO, 2011, p. 74).

Desse modo devemos compreender que “a finalidade do material didático em sala de aula é propiciar o aprendizado ao aluno” (JUSTINO, 2011, p. 112) e utilizar todas as mídias e recursos disponíveis na escola para melhorar a qualidade do ensino. A tecnologia é um meio interessante, mas sozinha ela não educa, pois educar é relação humana e todos devem fazer a sua parte.

A prática não pode ser desenvolvida somente em uma concepção que delimitam seu campo de visão. É preciso que o licenciando compreenda o seu contexto social, as implicações que isso pode ocasionar em sua formação, assim como os embates políticos, sociais e econômicos que transitam e que são permanentes na sociedade. Pensar com novos olhares a prática de ensino é conviver e propor maneiras diferenciadas para lidar com a diversidade de contextos e inúmeras necessidades a fim de que reflexões e práticas propositivas sejam possíveis e que atendam as especificidades e necessidade de cada ambiente escolar.

Como vemos na citação, Queiroz (2011):

“A prática de ensino como espaço/processo de construção de identidade profissional pode ser percebida não somente em observação da atuação dos professores da escola básica, como também no processo de formação dos licenciandos na universidade. Sua passagem pela academia também faz parte da construção de seus saberes e fazeres. Cada estudante reage de maneira distinta frente aos problemas que são semelhantes dos demais.”

Segundo Queiroz, “a prática de ensino como “objeto” de pesquisa propõe novas reflexões para os problemas que são identificados na formação do professor. A prática é analisada não mais sob a perspectiva da 'racionalidade técnica', mas como um lugar de construção de fazeres e saberes.” Um espaço no qual diversos elementos atuam para o desenvolvimento, construção e trocas de conhecimento, e não só como um “descarregamento” de conhecimento para como o discente.

A partir das várias experiências, com a monitoria, pode-se perceber que a exposição de problemas no que diz respeito aos graduandos nas referidas “micro aulas”, pode se ter uma visão ampla, das indagações e dúvidas esse processo inicial da carreira de professor. Como aliar teoria a prática, essa é umas das dúvidas mais pertinentes deste processo. As incertezas, a indeterminação, as contradições aparecem, a complexidade dos métodos é inevitável, os anos iniciais da docência são desafiadores, pois essa busca é subjetiva, e não uma coisa pronta, como um conteúdo a ser explanado. É uma busca a partir da experiência e a vivência em sala-de-aula.

“A teoria é compreendida de forma desarticulada da prática. Estuda-se teoria para entender, numa análise abstrata, a realidade. Enquanto a prática é percebida de forma desassociada de tendências teóricas, e porque não dizer política. É comum, entre os licenciando e professores, a percepção da prática de ensino como uma atividade planejada que deva ser cumprida em função de um currículo previamente estabelecido. A prática como lugar de fazeres e não de saberes em construção. A prática de ensino

percebida como um lugar onde as atividades desenvolvidas pelo professor precisam de rigor técnico para alcançar uma educação perfeita e sem erros.” (Queiroz, 2011)

Vemos, a partir da citação que a prática vem da construção de troca de saberes, da relação professor/ aluno, e que seria utópico dizer que poder-se-ia chegar a uma perfeição de uma educação sem erros. Ensinar e aprender estão juntos, é impossível pensar em um só, isolado, tendo isto em vista, que esses dependem da relação docente/ discente, pois a prática acontece com as vivências, a um planejamento (o plano de aula), embora aconteçam coisas que estão fora da perspectiva da aula, e que muitas vezes requer um posicionamento para tais questões. A prática é um lugar de saberes, das experiências vivenciadas no ambiente escolar.

Cabe ao ensino de História incorporar os temas e as inovações tecnológicas que já fazem parte do cotidiano do aluno, por meio do contato crescente com os meios de comunicação, sofrendo influência da televisão, rádio, jornal, fax, computador, redes de informações, etc. Enfim, romper com um ensino que não acompanhou a evolução histórica e tecnológica da sociedade, pois sabemos que a história é por si só uma busca do passado, que muitas vezes não é muito bem vinda pelos discentes.

A relação com a mídia eletrônica é prazerosa- ninguém obriga que ela ocorra; é uma relação feita através da sedução, da emoção da exploração sensorial, da narrativa - aprendemos vendo as histórias dos outros e as histórias que os outros nos contam. Mesmo durante o período escolar a mídia mostra o mundo de outra forma- mais fácil, agradável, compacta- sem precisar esforço. Ela fala do cotidiano, dos sentimentos, das novidades. A mídia continua educando como contrapondo à educação convencional, educa enquanto estamos entretidos. (MORAN, 2000, p.33)

Na perspectiva de Moran, podemos aliar cotidiano do aluno com o conteúdo exposto em sala de aula, a partir de programas televisivos, séries e etc. Buscando o mundo do discente para dentro da história, fazendo assim uma ponte para se chegar a um aprendizado prazeroso.

Partindo disso, podemos perceber que a monitoria trás para o aluno de graduação varias reflexões a cerca da docência, não só do professor de ensino fundamental ou médio, como também, desperta uma vontade para a carreira acadêmica, e instiga-lo para uma pesquisa neste âmbito.

A prática e a utilização dos recursos tecnológicos, segundo o estudado até o momento, requer que os docentes estejam preparados com saberes específicos a profissão, pois há uma necessidade de aplicarem esses saberes em sua prática diária para o bom desenvolvimento de seu fazer pedagógico. Vemos, portanto que a partir da monitoria realizada no componente curricular Prática Pedagógica, notamos questões importantes para a prática em sala de aula, como também a utilização das tecnologias.

Bibliografia

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima (org). Ensino de história: reflexões e novas perspectivas. Salvador: Quarteto, 2004.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T; BEHRENS, Marilda Aparecida. Novas Tecnologias e mediação pedagógica, São Paulo: Papyrus, 2000. -(Coleção Papyrus Educação).

KAMII, C. Autonomia do professor e formação científica. 1995. 19 p. (Mimeo)

QUEIROZ, Paulo Pires de. A PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS COMO ESPAÇO/PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE PROFISSIONAL. Anais Eletrônicos do IX Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História, 2011.

<http://www.ensp.fiocruz.br/radis/radis-na-rede/maquina-esta-servico-de-quem?page=0%2C0%2C0%2C18>